

A ARTETERAPIA NA INFÂNCIA¹

Mariana Machado Spadarotto²

Luciene Corrêa de Miranda Moreira³

RESUMO:

A Arteterapia é um campo interdisciplinar que une a arte e a psicologia para promover o desenvolvimento emocional, social e cognitivo das crianças, além de apresentar evidências positivas dessa intervenção em crianças atípicas ou em situações específicas. Este artigo explora como essa terapia com arte consegue ser uma ferramenta eficaz para ajudar crianças a expressarem suas emoções, enfrentarem seus traumas e desenvolverem suas habilidades de comunicação. O objetivo geral deste artigo é investigar a utilização da arteterapia como ferramenta terapêutica na infância, visando-se compreender se essa ferramenta pode auxiliar no desenvolvimento emocional e social das crianças. Já os objetivos específicos são investigar como diferentes formas de expressão artística utilizadas na arteterapia podem influenciar o bem-estar das crianças; discorrer sobre o desenvolvimento infantil e investigar como o psicólogo pode utilizar a arteterapia enquanto recurso terapêutico junto a crianças. Além disso, esse trabalho argumenta a importância da formação adequada dos profissionais que atuam nessa área e as suposições éticas do uso da arteterapia na infância.

Palavras-chave: Arteterapia. Infância. Desenvolvimento humano. Psicologia.

ART THERAPY IN CHILDHOOD

ABSTRACT:

Art Therapy is an interdisciplinary field that combines art and psychology to promote the emotional, social and cognitive development of children, in addition to presenting positive evidence of this intervention in atypical children or in specific situations. This article explores how this art therapy can be an effective tool for helping children express their emotions, face their traumas and develop their communication skills. The general objective of this article is to investigate the use of art therapy as a therapeutic tool in childhood, aiming to understand whether this tool can help in the emotional and social development of children. The specific objectives are to investigate how different forms of artistic expression used in art therapy can influence children's well-being; discuss child development and investigate how psychologists can use art therapy as a therapeutic resource with children. Furthermore, this work argues the importance of adequate training for professionals who work in this area and the ethical assumptions of the use of art therapy in childhood.

¹ Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia, na Linha de Pesquisa Desenvolvimento Humano. Recebido em 24/05/2024, e aprovado, após reformulações, em 25/06/24.

² Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: marianaspadarotto99@gmail.com

³ Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e docente do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: lucienemoreira@uniacademia.edu.br

Keywords: Art therapy. Infancy. Human development. Psychology.

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento humano é uma área de estudo da Psicologia que investiga o processo de desenvolvimento do ser humano ao longo do ciclo vital, nos aspectos físico-motor, intelectual, afetivo-emocional e social (Bock, Furtado; Teixeira, 2001; Papalia; Feldman, 2013). Por questões didáticas, os autores dividem o ciclo vital em oito fases denominadas período pré-natal; primeira infância; segunda infância; terceira infância, adolescência, adulto jovem ou início da vida adulta; meia idade ou vida adulta intermediária e vida adulta tardia ou terceira idade (Papalia; Feldman, 2013).

“Estudar o desenvolvimento humano significa conhecer as características comuns de uma faixa etária, permitindo-nos reconhecer as individualidades, o que nos torna mais aptos para a observação e interpretação dos comportamentos” (Bock, Furtado; Teixeira, 2001, p.98). Desta forma, o estudo do desenvolvimento humano é importante para todo profissional que irá estudar a infância ou trabalhar com crianças, como o Psicólogo. Inicialmente, segundo os autores supracitados, é essencial compreender que crianças não são adultos em miniatura, ou seja, o público infantil apresenta características próprias de sua faixa etária.

A infância é um período compreendido entre o nascimento e a puberdade. Apesar de ser uma fase pequena, se comparada a outros estágios do desenvolvimento, compreende-se que é um período muito importante, marcado por aquisições e mudanças significativas, responsáveis por permitir à criança maior autonomia e independência. Segundo Papalia e Feldman (2013), a infância é dividida em três subfases – primeira infância, segunda infância e terceira infância – cada uma delas com características próprias, cujas habilidades adquiridas em cada subfase preparam a criança para os próximos estágios do desenvolvimento. As habilidades relacionadas ao desenvolvimento físico, cognitivo e psicossocial se aprimoram com o passar dos anos, a partir do processo de maturação e são resultado das interações da criança com o meio.

Ao longo deste processo, o desenvolvimento de habilidades variadas permite à criança a realização de atividades artísticas e, conseqüentemente, da arteterapia. A infância é uma fase crucial no desenvolvimento humano, onde a expressão criativa e

emocional desempenha um papel fundamental na construção de identidade e resiliência. Nesse contexto, a arteterapia emerge como uma ferramenta valiosa, proporcionando um meio único de comunicação para as crianças.

Arteterapia é uma atuação terapêutica que tem como objetivo o bem-estar e a promoção da saúde através de recursos artísticos e expressivos. Por meio de atividades, o arteterapeuta busca compreender quais são as relações interpessoais de seu paciente e passa a proporcionar a adaptação externa e interna do indivíduo diante de diversas situações de seu cotidiano. A expressão não verbal e criativa é utilizada pela Arteterapia para que o terapeuta possa ter uma comunicação mais facilitada com seu paciente. Dessa forma, a pessoa permite que seus sentimentos possam ser examinados, identificados e transformados com a ajuda de seu terapeuta. Esse método permite uma certa flexibilidade e um enriquecimento sobre o autoconhecimento (Najar, s.d.; Rottenstein, 2021).

Assim, este estudo explora a importância da arteterapia na infância, destacando seus benefícios no estímulo à expressão emocional, no desenvolvimento cognitivo e na promoção do bem-estar geral da criança. Ao examinar os fundamentos teóricos e práticos da arteterapia, busca-se evidenciar como essa abordagem terapêutica pode contribuir significativamente para o desenvolvimento infantil, fornecendo um espaço seguro para a exploração, compreensão e superação de desafios emocionais e físicos.

Ao falar de arteterapia, faz-se necessário compreender seu percurso histórico, os profissionais envolvidos, em especial, citar a renomada psiquiatra brasileira Nise da Silveira. Nise foi reconhecida por suas contribuições pioneiras no campo da psiquiatria, especialmente no uso da expressão artística como parte integrante do tratamento psiquiátrico. Enquanto não era especificamente uma arteterapeuta, seu trabalho e abordagem revolucionária desempenharam um papel fundamental na integração da arte como forma de terapia (Silveira, 2001). Segundo Nise da Silveira⁴ (1986), quando o paciente pode aprender técnicas de atividades expressivas que, ordinariamente, não lhe são oportunizadas e, ao voltar ao seu mundo familiar e do trabalho, podem servir como instrumentos de equilíbrio psíquico.

⁴ SILVEIRA, Nise. 20 anos de Terapêutica Ocupacional em Engenho de Dentro. Revista Brasileira de Saúde Mental, v. X, 1966. In: **O Museu Vivo de Engenho de Dentro**. Nise da Silveira. Disponível em: <http://www.ccms.saude.gov.br/museuvivo/nise.php> Acesso em 15 maio 2024.

Segundo Reis (2014), o psicólogo pode utilizar a Arteterapia em suas intervenções a partir de diferentes linhas terapêuticas, como, por exemplo, a Psicanálise, a psicologia junguiana ou a Gestalt. Castro e colaboradores (2020), por exemplo, se embasaram na abordagem Fenomenológica-Existencial para abordar a arteterapia na infância. Não é a finalidade deste artigo discorrer a partir de uma única abordagem teórica, mas, apresentar características relevantes destes estudos, considerando a relevância da arteterapia na infância.

A escolha do tema "Arteterapia na Infância" para este Trabalho de Conclusão de Curso justifica-se pela necessidade de se recorrer a variados métodos e formas para se compreender e abordar as complexidades do desenvolvimento infantil. A infância é uma fase crucial na formação da personalidade e a expressão artística oferece uma via única para que as crianças possam comunicar suas emoções, pensamentos e vivências de maneira não verbal. Considerando a limitação das crianças em expressar verbalmente suas experiências, a arteterapia emerge como uma ferramenta eficaz para facilitar a compreensão e intervenção terapêutica. Além disso, diante dos desafios emocionais enfrentados pelas crianças na sociedade contemporânea, investigar a eficácia da arteterapia na promoção do bem-estar infantil torna-se importante.

A metodologia consiste numa pesquisa bibliográfica, de abordagem exploratória, qualitativa, buscando compreender e descrever as práticas e o impacto da arteterapia na infância. Para realização da revisão narrativa foram realizadas buscas nas bases de dados Scielo e Google Acadêmico a partir da combinação das palavras-chave "arteterapia" e "infância". Os resultados da busca foram analisados e incluídos apenas os artigos que abordavam as duas palavras-chave. Também foi realizada uma busca no Google para se identificar as principais associações de Arteterapia em território nacional – como a União Brasileira de Associações de Arteterapia (UBAAT), Associação Brasil Central de Arteterapia (ABCA), e Associação Mineira de Arteterapia (AMART). Finalmente, também foram utilizados livros sobre desenvolvimento humano.

O objetivo geral deste artigo é investigar a utilização da arteterapia como ferramenta terapêutica na infância, visando-se compreender se essa ferramenta pode auxiliar no desenvolvimento emocional e social das crianças. Já os objetivos específicos são investigar como diferentes formas de expressão artística utilizadas na

arteterapia podem influenciar o bem-estar das crianças; discorrer sobre o desenvolvimento infantil e investigar como o psicólogo pode utilizar a arteterapia enquanto recurso terapêutico junto a crianças.

2 INFÂNCIA E DESENVOLVIMENTO HUMANO

A psicologia do desenvolvimento humano é um estudo científico das mudanças em seus aspectos físico-motor, intelectual, afetivo- emocional e social que acontecem nos indivíduos ao longo de toda a sua vida, da concepção até a morte. Os cientistas do desenvolvimento afirmam que essas mudanças ocorrem por toda a vida e nomeiam esse processo como desenvolvimento do ciclo de vida (Papalia; Feldman, 2013).

Estudar o desenvolvimento humano é fundamental para a formação de profissionais de várias áreas, em especial o psicólogo, pois, esta ciência possibilita compreender como são os indivíduos, como eles mudam, como agem e como eles se desenvolvem ao longo de sua vida. Cada faixa etária possui um comportamento diferente e estudar todas as fases permite conhecer as habilidades e individualidades comuns a cada faixa etária (Bock, Furtado; Teixeira, 2001).

Existem alguns fatores indissociados e em constante interação, internos e externos ao indivíduo, que influenciam o desenvolvimento, como a hereditariedade, o crescimento orgânico, a maturação neurofisiológica e o meio. A hereditariedade é como um código secreto presente no DNA que determina o potencial próprio de cada pessoa, porém, é a interação com o espaço que define como esse potencial será desenvolvido. O crescimento orgânico ocasiona mudanças físicas no organismo, fazendo com que apareçam novas formas de interação e descobertas com o ambiente. A maturação neurofisiológica é o que torna possível determinados padrões de comportamento, dos simples aos mais complexos. Finalmente, o meio consiste no conjunto de influências e estímulos provenientes do ambiente, os quais são capazes de alterar os padrões de comportamento do indivíduo (Bock, Furtado; Teixeira, 2001).

Diferentes autores abordam o desenvolvimento infantil a partir de diversas perspectivas, como Piaget e o construtivismo, Vigotski e a Perspectiva histórico-cultural, Erikson e o desenvolvimento psicossocial, dentre outros (Papalia; Feldman, 2013; Bock, Furtado; Teixeira, 2001).

A infância refere-se à fase inicial do desenvolvimento humano, período compreendido entre o nascimento e os doze anos incompletos. Essa fase é crucial para a formação de habilidades cognitivas, sociais e emocionais. Diferentes teorias do desenvolvimento destacam a importância de fatores internos e externos ao indivíduo durante este processo, tais como as experiências durante a infância na construção da personalidade, na aquisição de conhecimento e na formação de relações interpessoais. Para os teóricos do desenvolvimento humano, a infância é subdividida em três fases - primeira infância, segunda infância e terceira infância – as quais se diferem entre si (Bock, Furtado; Teixeira, 2001; Papalia; Feldman, 2013).

A primeira infância é um período importante para o desenvolvimento da criança com a idade de 0 até os 3 anos. Ao longo dessa fase, a criança apresenta saltos e avanços significativos em sua linguagem, habilidades motoras, cognição e outras áreas. Esse é um período em que o indivíduo explora suas aptidões fundamentais para seu crescimento e explora o mundo que está ao seu redor, desenvolvendo as primeiras relações sociais (Bock, Furtado; Teixeira, 2001; Papalia; Feldman, 2013).

Segundo Piaget, “neste período, a criança conquista, através da percepção e dos movimentos, todo o universo que a cerca” (Bock, Furtado; Teixeira, 2001, p.100). Durante esse período, suas habilidades motoras estão evoluindo e sendo testadas a partir do momento que a criança começa a explorar o ambiente que está ao seu redor, interagindo com objetos e brinquedos. Nessa fase ocorre um grande avanço no desenvolvimento físico e cognitivo do indivíduo. Em relação ao desenvolvimento psicossocial na primeira infância, é perceptível que cada bebê possui uma personalidade diferente do outro desde o início de suas vidas. O conjunto de temperamentos, comportamentos e emoções é que tornam cada indivíduo com sua diferença e particularidade. (Papalia; Feldman, 2013).

Os sentimentos principais - medo, tristeza e felicidade – que a criança apresenta em seus dois primeiros anos de vida são respostas subjetivas a experiências que também envolvem alterações físicas e de comportamento. A cultura tem grande influência em como as emoções são vivenciadas e expressadas. (Cole; Bruschi; Tamang, 2002 *apud* Papalia; Feldman, 2013). As emoções estão presentes logo após o nascimento do recém-nascido, como, por exemplo, o choro de desconforto ou de fome. Com o desenvolvimento, começam a surgir emoções mais complexas – como orgulho, culpa e vergonha - características que ficam entrelaçadas

na psique humana e mostram a complexidade da interação social e da autoconsciência (Lewis, 1995, 1997, 1998 *apud* Papalia; Feldman, 2013).

A segunda infância é o período compreendido dos 3 aos 6 anos. A criança se encontra mais independente e começa a desenvolver e aprimorar suas habilidades de leitura, matemática e escrita. Suas capacidades mentais e motoras ficam mais aguçadas, é um momento de descoberta e aprendizado contínuo (Papalia; Feldman, 2013). O desenvolvimento da linguagem acarretará transformações nos aspectos intelectual, afetivo e social (Bock, Furtado; Teixeira, 2001).

Nesse período, diferem-se dois tipos habilidades motoras, essenciais ao desenvolvimento físico, as habilidades motoras gerais (coordenação motora grossa) e as habilidades motoras refinadas (coordenação motora fina). As motoras gerais são habilidades físicas que envolvem os músculos maiores, são as primeiras a se desenvolver e não consistem em movimentos muito precisos e refinados. Já as habilidades motoras refinadas são habilidades que necessitam da atividade de músculos menores e coordenação entre as mãos e os olhos para a realização de movimentos mais precisos (Bock, Furtado; Teixeira, 2001; Papalia; Feldman, 2013).

A Habilidade que as crianças adquirem de compreender e organizar suas próprias emoções, representa um avanço significativo na segunda infância (Dennis, 2006 *apud* Papalia; Feldman, 2013). Inicialmente, a criança pensa apenas a partir de seu próprio ponto de vista – egocentrismo – e, com os avanços no desenvolvimento cognitivo, ao final desta etapa ela já consegue compreender que as pessoas podem pensar de forma diferente que elas (Papalia; Feldman, 2013).

A terceira infância é uma fase que vai dos 7 aos 11 anos. As crianças passam por uma experiência central na escola, onde há um avanço no desenvolvimento psicossocial, cognitivo e físico. Há algumas mudanças em suas habilidades motoras, julgamentos morais, memória e outras capacidades de escrita e leitura. As crianças passam a depender menos de seus pais e passam a ser mais influentes em suas amizades, criando mais vínculos com seus amigos (Papalia; Feldman, 2013). As crianças estão mais habilidosas em interações sociais, começam a desenvolver uma compreensão mais abstrata do mundo e estão mais aptas a lidar com desafios emocionais e cognitivos (Bock, Furtado; Teixeira, 2001). Os pensamentos que as crianças têm sobre elas mesmas passam a ser mais objetivos e, com isso, elas desenvolvem o seu sistema representativo. (Harter, 1993, 1996, 1998 *apud* Papalia;

Feldman, 2013). Esse sistema é caracterizado por tolerância, estabilidade emocional e a habilidade de integrar e julgar diferentes elementos de sua própria identidade (Papalia; Feldman, 2013).

Assim, observa-se que, durante a infância, o aprimoramento de habilidades relacionadas ao desenvolvimento físico – como da coordenação motora grossa e fina – cognitivo – por exemplo, a evolução da capacidade de simbolização, da linguagem, da imaginação e do uso da lógica – e psicossocial – capacidade de socialização com outras crianças e adultos, desenvolvimento do autoconceito, da autoestima e da autoeficácia (Papalia; Feldman, 2013) – tornam a criança cada vez mais apta a realizar atividades artísticas de diferentes níveis de complexidade. Além de desenvolver habilidades motoras, a arte é um importante meio para a expressão de emoções e sentimentos, o que reitera a relevância da arteterapia na infância.

3 ARTETERAPIA

A arte funciona como um resultado que emerge da interação entre o ser humano e o mundo. É uma expressão da vida, na qual o homem interpreta sua própria natureza, dando forma às suas descobertas, invenções e conhecimentos. Portanto, a arte se incorpora à experiência humana como uma parte particular, representando uma das maneiras pelas quais os indivíduos podem perceber e entender tanto o mundo interno quanto o externo (Bouro, 2000 *apud* Biesdorf; Wandscheer, 2011).

De acordo com o dicionário Houaiss, arte é a “produção consciente de obras, formas ou objetos, voltada para a concretização de um ideal de beleza e harmonia ou para a expressão da subjetividade humana”. A arte tem o poder de mudar a maneira como as pessoas veem, compreendem e imaginam o mundo. Através dela é possível expressar as emoções e as histórias de vida. Existem várias maneiras de se expressar e movimentar a arte, permitindo uma rica variedade de manifestações⁵.

As artes clássicas incluem escultura, pintura, literatura, música, arquitetura e dança, artes reconhecidas por seu grande apelo emocional e por sua beleza estética. O cinema é incluído como a sétima arte, considerando uma expressão artística dinâmica que une todas as outras formas de arte em uma única manifestação. Por

⁵ ABRINQ. **100 anos da Semana de Arte Moderna**: o conceito de artes e suas formas de expressão. 2022. Disponível em: <https://www.fadc.org.br/noticias/100-anos-da-semana-de-arte-moderna-o-conceito-de-arte-e-suas-formas-de-expressao> Acesso em 06 mai 2024.

conta dessa definição, vários escritores e críticos aderiram ao termo "belas artes" para se referir a todas as artes clássicas, sendo elas a arquitetura, a música, a escultura, a pintura, a dança, a literatura e o cinema⁶.

As artes são significantes que exibem e revelam algo que não aparece de forma visível, sendo um recurso que promove a recuperação e a manutenção da saúde. A arte teria como objetivo revelar a vida que existe por trás de tudo e encontrar o próprio Ser. Neste caso, as obras e criações não têm explicações totalmente racionais ou definidas, porém, essas manifestações produzem fatos visíveis de uma época e antecedentes, traçando um desenvolvimento futuro (Jung, 2008).

De acordo com Krammer (1982), a expressão artística possui propriedades terapêuticas intrínsecas, visto que auxilia na promoção do equilíbrio psicológico e no fortalecimento do ego⁷. Isso ocorre por meio da resolução dos conflitos entre o id⁸ e o superego⁹, os quais, através da sublimação¹⁰, encontram na atividade criativa uma oportunidade de síntese. Assim, a arte caracteriza o artista como alguém capaz de solucionar, por meio da criação artística, os embates resultantes da oposição entre os impulsos e as exigências do superego.

Nos primórdios da Arteterapia, alguns autores merecem destaque. Em linhas gerais, Freud considerava a arte uma forma de sublimação das pulsões. Já Jung considerava a criatividade artística como uma função psíquica estruturante, e com capacidade de cura, já que pode transformar conteúdos inconscientes em imagens simbólicas.

No Brasil, na metade do século passado, a história da arteterapia surge por intermédio da psiquiatria, influenciada pelas vertentes psicanalítica e junguiana. Osório César e Nise da Silveira foram pioneiros ao trabalharem com a arte junto a pacientes psiquiátricos, rompendo com as práticas agressivas destinadas aos

⁶ ABRINQ. **100 anos da Semana de Arte Moderna**: o conceito de artes e suas formas de expressão. 2022. Disponível em: <https://www.fadc.org.br/noticias/100-anos-da-semana-de-arte-moderna-o-conceito-de-arte-e-suas-formas-de-expressao> Acesso em 06 mai 2024.

⁷ Segundo Freud, estabelece o equilíbrio entre as exigências do id e do superego, regido pelo princípio da realidade (Bock; Furtado; Teixeira, 2001).

⁸ Segundo Freud, é o reservatório da vida psíquica, onde se localizam as pulsões de vida e de morte; regido pelo princípio do prazer (Bock; Furtado; Teixeira, 2001).

⁹ Segundo Freud, é originado a partir da internalização das proibições, dos limites e da autoridade. Refere-se a exigências sociais e culturais (Bock; Furtado; Teixeira, 2001).

¹⁰ Segundo Freud, é um mecanismo de defesa (Bock; Furtado; Teixeira, 2001).

pacientes psiquiátricos da época. Por intermédio da arte, eles podiam expressar a loucura e, eventualmente, curá-la, numa perspectiva humanizada (Silveira, 2001).

Nise da Silveira (2001) acreditava no potencial terapêutico da arte, principalmente, no que diz respeito à expressão e à compreensão dos processos mentais e emocionais. Ela desenvolveu técnicas de trabalho em hospitais psiquiátricos que incentivavam os pacientes a se expressarem através da pintura, escultura e outras formas de arte, reconhecendo o poder da criação artística como um meio de expressar sentimentos e explorar o mundo interior. De acordo com Valladares (2008), inicialmente, a médica introduziu os ateliês de bordado e de encadernação de livros e, logo após, surgiram as Oficinas Terapêuticas, compreendidas como espaços de criação e facilitação da comunicação e das relações interpessoais.

Seu trabalho com os pacientes psiquiátricos permitiu que eles se expressassem de maneiras que a terapia verbal, muitas vezes, não permitia. Além disso, ela fundou o Museu de Imagens do Inconsciente, um espaço que reúne as obras criadas pelos pacientes como parte de seu tratamento, mostrando o valor da arte como uma ferramenta terapêutica e documentando a riqueza dos processos criativos individuais. (Silveira, 2001). A influência de Nise da Silveira na utilização da arte como um meio terapêutico, seu olhar humanista para a psiquiatria e sua abordagem revolucionária em permitir que os pacientes se expressassem através da criação artística são contribuições significativas para o campo da arteterapia e da saúde mental.

A Arteterapia é um método que utiliza diferentes formas de expressão artística com finalidade terapêutica (Reis, 2014). A partir de recursos artísticos variados, o arteterapeuta busca o autoconhecimento, o enfrentamento e a resolução de problemas (Najar, s.d.). Usa a atividade artística como instrumento de intervenção profissional, visando-se à promoção da saúde e da qualidade de vida junto a diferentes públicos-alvo em contextos clínico, educacional, comunitário e organizacional (Reis, 2014), através de intervenções individuais ou em grupo conduzidas por profissional formado em Arteterapia (UBAAT, 2023), conforme expresso a seguir:

É uma prática terapêutica com saber e metodologia própria, fundamentada nas artes e na psicologia. Realizada por profissional com Graduação, Especialização ou Formação em Arteterapia, conforme os parâmetros curriculares estabelecidos pela UBAAT e reconhecido por uma das Associações Estaduais de Arteterapia filiada à UBAAT (UBAAT, 2023, p.3).

A Arteterapia surgiu como um meio capaz de estimular a promoção, a manutenção e a restauração do equilíbrio e saúde pessoal. Ao juntar arte, saúde e educação, é possível oferecer uma via para a transformação ampla dos indivíduos que participam desse tipo de terapia. Dessa forma, ela se estabelece como parte dos métodos que tratam o ser de maneira integral (Rottenstein, 2021).

As técnicas utilizadas na Arteterapia são o desenho, a modelagem, a pintura, a tecelagem, a colagem, a criação de personagens, a construção e outras várias formas que ajudam o indivíduo a explorar e expressar seu mundo interior de maneira concreta e simbólica. Ao entrar em contato com os materiais artísticos, a pessoa desenvolve suas emoções e pensamentos internos, em um processo de autoconhecimento que aos poucos proporciona o crescimento da consciência e sua transformação pessoal. Os recursos expressivos e artísticos facilitam na compreensão das interrelações, através da comunicação entre o cliente, a obra realizada e o arteterapeuta, possibilitando a identificação, o reconhecimento e a transformação de sentimentos (Najar, s.d.; Rottenstein, 2021).

A Arteterapia revive os costumes trazidos por seus ancestrais, entendendo as práticas artísticas como ferramentas terapêuticas com potencial de transformação para as pessoas que utilizam desse método. Ela pode se basear em diferentes abordagens teóricas como Gestalt, transpessoal, antroposofia, ludoterapia e a psicanálise, porém, a sua base mais extensa é encontrada na psicologia Junguiana. A psicologia de Jung valoriza a atividade simbólica da alma, que se manifesta nos sonhos, como essencial e única para cada indivíduo no desenvolvimento de um mundo interno mais equilibrado. Jung demonstrou a natureza universal de vários símbolos e a maneira como padrões fundamentais orientam os processos criativos, exigindo uma reinterpretação contínua do criador (Rottenstein, 2021).

Para Silveira (2001), a função terapêutica da arte é permitir a expressão de vivências não verbalizáveis por aqueles que se encontravam imersos no inconsciente, ou seja, num mundo fora do alcance da elaboração racional, cabendo ao terapeuta a tarefa de estabelecer conexões entre imagens que emergem do inconsciente e a situação emocional vivida pelo indivíduo. A arte possui finalidade terapêutica, por isso, não é necessário que os pacientes verbalizem para serem tratados. É fundamental que o terapeuta tenha a responsabilidade de relacionar as imagens que surgem do inconsciente com a situação emocional vivida pelo indivíduo.

Segundo Urrutigaray (2011), a busca pela comunicação entre o inconsciente e o consciente se dá quando o indivíduo, através de suas criações, consegue elaborar, de forma real, seus conteúdos íntimos. Jung (2008) aponta que há aspectos do inconsciente na realidade, por isso, a arte se torna um mediador, tornando-se a conexão entre o inconsciente e consciente e as oposições do sujeito.

Coutinho (2013) apresentou experiências vividas com seus pacientes, através das quais esclarece que a arte pode provocar reações e emoções mais intensas do que palavras, utilizando a experiência como forma de autoconhecimento e transformações do ser humano. A arte coloca o ser humano em posição de ser criativo, ser de criar e recriar, sendo uma forma diferente de expressar suas emoções.

No Brasil, desde 2006, a UBAAT – União Brasileira de Associações de Arteterapia – é a principal entidade nacional, que reúne 13 associações de Arteterapia disponíveis em diferentes regiões do Brasil. Esta entidade de classe publicou, em 2008, o Código de Ética do Arteterapeuta. Desde 2013, a atuação do Arteterapeuta é reconhecida pelo Ministério do Trabalho e está incluída na Classificação Brasileira de Ocupações – CBO com o código 2263-10. Conforme o Parecer CNE/CES nº 908/98, aprovado em 2 de dezembro de 1998, e a Resolução CNE/CES nº 7, de 8 de setembro de 2011 do MEC, os cursos aprovados pelo MEC possuem validade acadêmica, mas o exercício profissional depende do parecer da UBAAT. Finalmente, a Portaria nº 849 de 25 de março de 2017, em adendo à Portaria nº 145, reconhece e insere no Sistema Único de Saúde (SUS) a Arteterapia como Prática Integrativa e Complementar em Saúde (PICS) (UBAAT, 2023).

4 ARTERAPIA NA INFÂNCIA

Durante a antiguidade, as diversas sociedades desenvolviam as artes como maneiras criativas de manifestar sua visão de mundo. Na Grécia, as expressões artísticas como música, teatro, escultura e poesia eram consideradas formas de cura para a alma, tanto para quem estava criando, quanto para quem era um admirador dessas artes. As crianças possuem o costume de trabalhar com a arte no dia-a-dia e têm a oportunidade de experimentar criatividade e liberdade enquanto desenhavam e

constroem. A criação é uma das primeiras formas de linguagem do indivíduo, permitindo absorver e reinterpretar as experiências já vividas. Trata-se de uma capacidade natural, cuja expressão espontânea frequentemente se desfaz a partir do momento que a sociedade impõe seus padrões (Rottenstein, 2021).

A arteterapia desempenha um papel crucial na infância. As crianças podem ter dificuldade em expressar suas emoções complexas verbalmente. A arteterapia oferece uma forma alternativa de comunicação, permitindo que expressem sentimentos, medos e desejos por meio da arte, o que pode ser mais fácil e natural. A arteterapia ajuda a lidar com essas emoções, facilitando a exploração e a compreensão dos sentimentos por meio da criação artística. Nise da Silveira explicou, em sua teoria, que algumas expressões de vivências não podiam ser verbalizadas, que estavam na inércia do inconsciente, o que impossibilitava uma elaboração verbal. Sua proposta estabelecia ao terapeuta fazer as conexões das imagens com o cotidiano do indivíduo como forma de liberação do inconsciente (Reis, 2014).

Valladares e Silva (2011) realizaram um estudo que objetivou analisar e comparar o desenvolvimento de cinco crianças hospitalizadas, com faixa etária entre sete e dez anos, antes e depois serem submetidas a intervenções de Arteterapia. Como a hospitalização pode interferir negativamente no desenvolvimento da criança hospitalizada, é importante pensar em meios que possam tornar o processo menos prejudicial. As pesquisadoras perceberam que a Arteterapia é um meio positivo para se canalizar as variáveis relativas ao desenvolvimento e neutralizar fatores afetivos negativos provenientes do processo de adoecimento. Em síntese:

[...] a Arteterapia constitui-se num meio para canalizar, de maneira positiva, as variáveis do desenvolvimento da criança hospitalizada e neutralizar os fatores de ordem afetiva que, naturalmente, surgem, além de expor os potenciais mais saudáveis da criança, por vezes pouco estimulados no contexto da hospitalização (Valladares; Silva, 2011, p.443).

Castro, Paiva, Marinho e Paes (2020) realizaram uma entrevista com crianças e adolescentes com câncer, os quais participavam de atividades de Arteterapia num grupo de apoio a pacientes oncológicos infanto-juvenis. Considerando-se o impacto do diagnóstico de câncer na história de vida de um paciente, a partir do método Fenomenológico, os pesquisadores analisaram os dados coletados em entrevista, com o objetivo de conhecer as modificações internas que as crianças e os adolescentes atribuíam à Arteterapia. Foi possível perceber que, apesar dos impactos

CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 6, n. 11, p.846-865, jul./dez. 2024 – ISSN 2674-9483

negativos decorrentes do câncer, as crianças e os adolescentes perceberam melhorias em sua vida, as quais atribuíram ao grupo terapêutico e às intervenções em Arteterapia. Dentre essas melhorias, destacam-se a possibilidade de interação com pessoas que vivem situações parecidas durante as intervenções, experimentar novos métodos de enfrentamento e promover ressignificação frente à dor e à angústia.

Santos e colaboradores (2022) realizaram uma pesquisa de revisão integrativa da literatura em variadas bases de dados, buscando encontrar publicações, dos últimos dez anos, que apontassem evidências científicas sobre o uso de arteterapia com crianças autistas. Os doze artigos selecionados foram analisados a partir de quatro categorias, as quais foram nomeadas como Arteterapia para expressão de sentimentos e emoções; Arteterapia como meio facilitador do processo de ensino-aprendizagem; Eficácia da Arteterapia nas habilidades sociais e Arteterapia familiar. Concluíram que a Arteterapia pode promover a inclusão de pessoas com transtorno do espectro autista (TEA), pois pode favorecer melhorias nas habilidades sensoriais, de comunicação, sociais, simbólicas, motoras, criativas e comportamentais. Os autores apontam, como limitação do estudo, o fato de que a temática da integralidade dos cuidados em saúde junto às crianças com TEA é um tema novo, por isso, poucos estudos na área foram encontrados.

Além de técnicas como desenhos, pinturas e atividades manuais, as histórias infantis também podem ser empregadas como uma ferramenta arteterapêutica. As narrativas têm o potencial de facilitar a identificação e internalização de valores éticos, bem como promover a expressão e compreensão dos sentimentos, contribuindo para o aprimoramento da saúde psíquica das crianças (Louvison, 2010; Capelatto, 2007 apud Pauli; Gumieiro, 2015).

Pauli e Gumieiro (2015) realizaram uma intervenção em arteterapia com contação de histórias junto a 20 crianças abrigadas, com idade compreendida entre dois e 14 anos. Foram realizados 26 encontros de 3 horas de duração cada. Ao final das intervenções, foi possível perceber melhorias no comportamento das crianças: inicialmente, indisciplinadas e agitadas, passaram a respeitar as regras de convivência e apresentar melhorias no vocabulário.

A prática da arteterapia incentiva a imaginação e a criatividade, essenciais para o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças. Isso as ajuda a explorar novas ideias, perspectivas e soluções para problemas. Já na autoestima e autoexpressão,

ao criarem arte, as crianças podem sentir-se capazes e realizadas. Isso acaba promovendo um senso de competência e melhoria na autoestima, permitindo que consigam se expressar de maneira única e pessoal (Reis, 2014).

Coutinho (2013) apresentou experiências vividas com seus pacientes, onde deixa com clareza que a arte pode provocar reações e emoções mais intensas do que palavras, utilizando a experiência como forma de autoconhecimento e transformações do ser humano. A arte coloca o ser humano em uma posição de ser criativo, ser de criar e recriar, sendo uma forma diferente de expressar suas emoções. Ao pensar-se na arteterapia com crianças, na visão de Castro (2009) a psicoterapia tem como propósito promover um espaço de conhecimento de si mesmo a partir de suas próprias vivências e habilidades, ajudando-as a expressar melhor suas inquietudes e nutrindo sua autonomia.

Resumindo, a arteterapia na infância tem como objetivo oferecer um espaço seguro para as crianças explorarem suas emoções, desenvolverem suas habilidades criativas e comunicativas, para fortalecerem a autoestima e aprenderem a lidar com desafios emocionais da vida, de forma saudável e construtiva.

5 O PSICÓLOGO NA ARTETERAPIA

A arteterapia foi incluída dentre as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde - PICS (UBAAT, 2023), que consistem em “abordagens terapêuticas que têm como objetivo prevenir agravos à saúde, a promoção e recuperação da saúde, enfatizando a escuta acolhedora, a construção de laços terapêuticos e a conexão entre ser humano, meio ambiente e sociedade”. As PICS são disponibilizadas à população, gratuitamente, pelo Sistema Único de Saúde (SUS)¹¹. O Ministério da Saúde define a Arteterapia como:

Uma atividade milenar, a arteterapia é prática expressiva artística, visual, que atua como elemento terapêutico na análise do consciente e do inconsciente e busca interligar os universos interno e externo do indivíduo, por meio da sua simbologia, favorecendo a saúde física e mental. Arte livre conectada a um processo terapêutico, transformando-se numa técnica especial, não meramente artística, que pode ser explorada com fim em si mesma (foco no processo criativo, no fazer) ou na análise/investigação de sua simbologia (arte como recurso terapêutico). Utiliza instrumentos como pintura, colagem, modelagem, poesia, dança, fotografia, tecelagem, expressão corporal, teatro,

¹¹ Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saps/pics> Acesso em 16 maio 2024.

sons, músicas ou criação de personagens, usando a arte como uma forma de comunicação entre profissional e paciente, em processo terapêutico individual ou de grupo, numa produção artística a favor da saúde.¹²

A metodologia da arteterapia é própria e fundamentada nas artes e na psicologia (UBAAT, 2023). O psicólogo busca tornar a atividade expressiva um meio para que os indivíduos expressem e reflitam sobre si mesmos. Na arteterapia, o foco não é apenas criar arte, mas sim estimular a criatividade, permitindo que o ato criativo gere novas formas de expressão e subjetividade. Essa abordagem terapêutica pode ser aplicada em diversos contextos, como clínica, educação, comunidade, saúde pública, empresas e intervenções em dificuldades físicas, cognitivas, emocionais e sociais. Nas terapias com arte, a vivência expressiva possibilita que a pessoa tome consciência de seus sentimentos, permitindo que ela represente verdadeiramente o que sente de maneira significativa (Andrade, 2000). Assim, na arteterapia, o fazer artístico atua como mediador no processo de autoconhecimento e na (re)significação do indivíduo em relação a si mesmo e ao mundo.

A arteterapia é uma especialização voltada a profissionais da área da saúde – como Psicologia, Enfermagem e Fisioterapia. Profissionais da Educação também podem exercer a Arteterapia, porém, sem enfoque clínico (Reis, 2014), reforçando-se o local que a Psicologia ocupa neste contexto:

Tendo em vista a formação do profissional e o público com o qual trabalha, a arteterapia encontra diferentes aplicações: na avaliação, prevenção, tratamento e reabilitação voltados para a saúde, como instrumento pedagógico na educação e como meio para o desenvolvimento (inter) pessoal através da criatividade em contextos grupais. Desse modo, o campo de atuação da arteterapia tem se ampliado, abrangendo além do contexto clínico também o educacional, o comunitário e o organizacional. No entanto, o desenvolvimento da arteterapia como área específica de trabalho deu-se na Psicologia, ligado primordialmente à questão da saúde mental (Reis, 2014, p.143-144).

A arte se manifesta em cada uma das abordagens como uma forma de tornar concreta a subjetividade humana. Seja entendida na psicanálise como a manifestação do inconsciente, na psicologia analítica como a expressão do “eu” interior, ou na Gestalt-terapia como um meio de facilitar a percepção e o entendimento de si. É possível dizer que a arte é um meio poderoso para se expressar os aspectos

¹² Disponível em <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saps/pics/recursos-terapeuticos> Acesso em: 16 maio 2024.

profundos do ser. Essa elaboração destaca o papel fundamental da arte na exploração e na comunicação de experiências internas, funcionando como uma ponte entre o mundo interior do artista e a realidade externa, permitindo um entendimento mais rico do “eu” e do outro (Reis, 2014).

Independentemente de qual seja a linha de abordagem, a arte é um meio de se expressar a subjetividade, permitindo ao psicólogo e ao cliente acessar conteúdos emocionais e retrabalhá-los. A arte amplia as possibilidades de expressão para a dimensão não-verbal, permitindo trabalhar, inclusive, temas mais sensíveis, como traumas e conflitos emocionais, sexualidade, identidade, dentre outros. Através da mediação artística, a comunicação expressa de forma mais fidedigna o universo emocional, dando forma a determinado conteúdo subjetivo que pode ser reconfigurado a partir da perspectiva teórica adotada pelo psicólogo:

Embora cada uma delas tenha seu modo próprio de trabalhar com o fazer criativo, todas reconhecem que a arte promove o autoconhecimento e potencializa a criatividade, habilidades essenciais ao desenvolvimento, tanto de um indivíduo como de um grupo com quem o psicólogo esteja trabalhando (Reis, 2014, p.144).

Quando o assunto é atividade artística, é possível notar que o indivíduo consegue se expressar sobre aquilo que ele é e o que ele pode vir a ser lá na frente, construindo em seu meio artístico outras maneiras de subjetivação e objetivação. Dessa forma, o indivíduo passa a adquirir um novo olhar sobre si mesmo e sobre o mundo à sua volta. A vivência estética oferece a oportunidade de interação com o que é outro, envolvendo o ser em um modo de apreensão distinta do normal. Esta forma de percepção, tanto sensível quanto criativa, desloca o sujeito de suas experiências diárias ordinárias, convidando-o a explorar novas formas de ver e sentir o mundo externo (Reis, 2014).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Arteterapia tem como destaque a sua prática terapêutica relevante não apenas para o desenvolvimento emocional e psicológico das crianças em geral, mas também para grupos específicos que enfrentam seus desafios únicos no dia a dia. Quando se fala sobre o desenvolvimento infantil saudável, a arteterapia oferece um espaço seguro e criativo para a expressão de seus sentimentos e ideias, contribuindo

significativamente para o bem-estar emocional das crianças. Neste sentido, é indispensável que os psicólogos e profissionais da saúde mental consigam compreender profundamente as fases do desenvolvimento infantil para aplicar as técnicas de arteterapia de maneira eficaz e adequada em seus pacientes, respeitando-se as potencialidades e limitações inerentes de cada fase.

A importância da arteterapia se torna ainda mais evidente quando aplicada em situações específicas, como crianças hospitalizadas, pacientes oncológicos infanto-juvenis, crianças abrigadas e com diagnóstico de TEA. Conforme mencionado ao longo desse artigo, nesses casos, a terapia que envolve a arte não promove apenas a expressão emocional e a comunicação, mas também pode aliviar o estresse, a ansiedade e outras emoções presentes e difíceis para as crianças, oferecendo um alívio e conforto em momentos de fragilidade.

A inclusão da Arteterapia entre as PICS sinaliza um importante campo de trabalho para o Psicólogo com formação em Arteterapia, que, enquanto membro da equipe multiprofissional em saúde, pode atuar em diversos contextos e junto a diferentes públicos, inclusive, com crianças.

Apesar dos benefícios comprovados por essa terapia, há uma perceptível escassez de estudos que explorem a fundo a eficiência e as metodologias da arteterapia na infância. Esse espaço no conhecimento científico destaca a necessidade de mais pesquisas e investigações para validar e expandir o uso da arteterapia em diversas situações.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, L. Q. **Terapias expressivas**. São Paulo: Vetor, 2000.

BIESDORF, R.K.; WANDSCHEER, M. F. Arte, Uma Necessidade Humana: Função Social e Educativa. **Itinerarius Reflections**. v.2, n. 11, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/rir/article/view/20333/11824>.

BOCK, Ana Maria M.; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes T. **Psicologias**: uma introdução ao estudo da Psicologia. São Paulo: Saraiva, 2001.

CASTRO, Ewerton Helder Bentes et al. Resignificando o ser-no-mundo com diagnóstico de câncer a partir da Arteterapia: o olhar de crianças e adolescentes. **RECH**: Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. Ano 4, v. IV, n. 2, jul-dez, 2020, p.191-218. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/rech/article/view/7963/5670> Acesso em 16 maio 2024.

CASTRO, Livia, et al. As etapas da psicoterapia. In: CASTRO, Maria (org). **Crianças e Adolescentes em psicoterapia: a abordagem psicanalítica**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

COUTINHO, Vanessa. **Arteterapia com crianças**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

Krammer, E. **Terapia através del arte en una comunidad infantil**. Buenos Aires: Kapelusz, 1982.

NAJAR, Mires. Um pouco mais sobre a Arteterapia. **ABCA**: Associação Brasil Central de Arteterapia. S.d. Disponível em:
<https://www.abcaarteterapia.com/arteterapia> Acesso em 15 maio 2024.

PAPALIA, E. Daiane. FELDMAN, Ruth D. **Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre: Artmed, 2013.

PAULI, Maria Fernanda Costa Campos; GUIMEIRO, Fabio. **Arteterapia com crianças abrigadas**: a contação de histórias como recurso arteterapêutico para crianças de um abrigo na cidade de Curitiba. Monografia (Aperfeiçoamento/Especialização em Arteterapia), Faculdade Vicentina, Curitiba, 2015. Disponível em:
https://www.academia.edu/22209037/Arteterapia_com_crian%C3%A7as_abrigadas_A_conta%C3%A7%C3%A3o_de_hist%C3%B3rias_como_recurso_arteterap%C3%A4utico_para_crian%C3%A7as_de_um_abrigo_na_cidade_de_Curitiba Acesso em 20 abril 2024.

REIS, Alice Casanova. Arteterapia: a arte como instrumento de trabalho do psicólogo. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 34, n.1, p.142-157, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/5vdgTHLvfkzynKFHnR84jqP/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 10 abril 2024.

ROTTENSTEIN, Annie. O que é arteterapia? **AMART**: Associação Mineira de Arteterapia. 2021. Disponível em <https://www.amart.com.br/o-que-e-arteterapia-1> Acesso em 20 maio 2024.

SANTOS, Ana Luiza Liberato Lopes dos et al. A arteterapia como ferramenta terapêutica no tratamento de crianças com transtorno do espectro autista. **Open Science Research VI**, v.6, 2022. Disponível em <https://downloads.editoracientifica.com.br/articles/220910164.pdf> Acesso em 15 maio 2024.

SILVEIRA, Nise da. **O mundo das imagens**. São Paulo: Ática, 2001.

SILVEIRA, Nise da. **Casa das Palmeiras**. A emoção de lidar: uma experiência em psiquiatria. Rio de Janeiro: Alhambra, 1986

UBAAT. **Nota Técnica 001/2023 UBAAT**. 2023. Disponível em:
https://www.ubaat.com.br/assets/downloads/NOTA_TECNICA_UBAAT_2023.pdf
Acesso em 15 maio 2024.

URRUTIGARAY, Maria Cristina. **Arteterapia: A Transformação Pessoal Pelas Imagens**. 5. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2011.

VALLADARES, A. C. A. et al. Arteterapia na saúde mental. In: **Jornada Goiana De Arteterapia**, 2., Anais... Goiânia: FEN/UFG/ABCA, cap. 13. p. 114-22, 2008.

VALLADARES, A. C. A.; SILVA, M. T. da. A arteterapia e a promoção do desenvolvimento infantil no contexto da hospitalização. **Revista Gaúcha De Enfermagem**, v. 32, n.3, p.443–450, 2011. <https://doi.org/10.1590/S1983-14472011000300002>